



A INFLUÊNCIA DOS CUIDADORES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA ANÁLISE A PARTIR DA TEORIA FREUDIANA

THE INFLUENCE OF CAREGIVERS IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: AN ANALYSIS BASED ON FREUDIAN THEORY

Lívian Mota SOUSA

Faculdade Católica Dom Orione (FACDO)

E-mail: motasousalivian@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-1534-4071>

Ruy Tadeu Costa RIBEIRO

Faculdade Católica Dom Orione (FACDO)

E-mail: ruytadeudm@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6565-3948>

317

RESUMO

O cuidado com a criança dentro do ambiente educacional, representa um fator diferencial notável no seu processo de desenvolvimento cognitivo. De modo geral, se observa que ao ter contato com um ambiente familiar e educacional no qual há a preocupação em fazer com que o desenvolvimento da criança ocorra de forma integrada e coerente com as suas necessidades, o que se tem como resposta é uma adequação comportamental por parte da criança, que corresponde a um desenvolvimento sadio, equilibrado dentro daquilo que se tem estipulado como normal. Compreendendo então a importância do cuidado e da presença do cuidador no decorrer da educação infantil, o presente artigo apresenta em seu decorrer uma revisão integrativa de literatura que contempla a temática: A Influência dos Cuidadores na Educação Infantil: uma Análise a Partir da Teoria Freudiana. Seu objetivo geral consiste em analisar a partir da teoria apresentada por Sigmund Freud, de que modo o cuidado e a participação familiar com o a educação formação da criança pode impactar o desenvolvimento cognitivo desta ao longo de toda a sua vida escolar. Seus objetivos específicos procuram inicialmente, contextualizar o cenário no qual está inserida a escola moderna, seguidamente, analisa-se a teoria freudiana e o modo como ela se aplica na escola, por fim, apresenta-se uma análise teórica sobre a importância do cuidador na educação infantil e então apresenta-se

as considerações finais sobre o tema proposto, ratificando o entendimento e o conhecimento adquiridos ao longo de todo o seu desenvolvimento.

Palavras-chave: Cuidado. Educação Infantil. Teoria Freudiana. Família.

ABSTRACT

Caring for the child within the educational environment represents a notable differential factor in their cognitive development process. In general, it is observed that when having contact with a family and educational environment in which there is a concern to ensure that the child's development occurs in an integrated and coherent way with their needs, what is answered is a behavioral adequacy by the child, which corresponds to a healthy, balanced development within what has been stipulated as normal. Therefore, understanding the importance of care and the presence of the caregiver during early childhood education, this article presents an integrative literature review that addresses the theme: The Influence of Caregivers in Early Childhood Education: an Analysis Based on the Freudian Theory. Its general objective is to analyze, based on the theory presented by Sigmund Freud, how the care and family participation with the education of the child can impact their cognitive development throughout their school life. Its specific objectives initially seek to contextualize the scenario in which the modern school is inserted, then, the Freudian theory is analyzed and the way it is applied in the school, finally, a theoretical analysis is presented on the importance of the caregiver in the early childhood education and then the final considerations on the proposed theme are presented, confirming the understanding and knowledge acquired throughout its development.

Keywords: Care. Child education. Freudian Theory. Family.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca articular relações entre a influência dos cuidadores e a educação infantil a partir da teoria freudiana, uma vez que Freud foi um dos estudiosos que possibilitou a entrada da psicologia no campo da educação e desenvolveu a psicanálise como uma ética para uma possível prática pedagógica.

A relação entre psicanálise e educação vem de longa data, desde que Freud demonstrou seu interesse pela pedagogia na intenção de possibilitar uma melhor compreensão por parte dos educadores sobre o desenvolvimento da criança e do adolescente. (SIQUEIRA, 2020).

Segundo Virgíneo (2020) é de fundamental importância o envolvimento da família na vida educacional da criança, pois a família é capaz de despertar o real interesse, a curiosidade e a motivação no processo de aprendizagem da criança, tendo em vista que as crianças podem apresentar dificuldades com a ausência dos mesmos.

Desta forma, destaca-se uma problemática acerca das crianças que não possuem acompanhamento dos seus cuidadores em casa, as mesmas apresentam dificuldades acerca do processo de aprendizado no âmbito da educação infantil.

A influência dos cuidadores neste âmbito é norteadora para o processo de aprendizado das crianças, e desta forma, é necessário elucidar como cuidadores ausentes influenciam negativamente na educação, pois só a orientação e conhecimento repassado em sala de aula não são suficientes. É fundamental um papel desempenhado pelos cuidadores.

Destaca-se o processo de subjetivação e constituição psíquica da criança, pois os primeiros anos de vida são imprescindíveis para este processo. Segundo Freud (2007) o indivíduo auxiliador, além de exercer a função de um primeiro objeto que satisfaz as necessidades do bebê, aparece, também, como aquele que provoca uma ruptura.

Portanto, os cuidadores influenciam tanto de forma positiva, como negativa, apesar dos mesmos representarem amor, cuidado e responsabilidade para as crianças, isso não significa que todos darão importância para a educação, responsabilizando os professores por esse processo que é extremamente relevante. Tal condição pode trazer consequências negativas para a criança, fomentando em alguns casos traumas que podem reverberar em outras áreas de sua vida.

Segundo Crespim (2016) a falta ou ausência dos pais versa sobre a qualidade do trabalho das instituições que acolhem as crianças. A autora ressalta como e de que lugar os profissionais da educação infantil podem cuidar de uma criança da qual não são mães.

Partindo desse pressuposto, Freud (2008) ressalta que os educadores precisam ter comprometimento e empatia sobre as crianças, sobretudo as que sofrem da ausência materna, paterna ou ambos. E assim, é relevante destacar que a influência dos cuidadores e educadores precisam ser pontuados, pois cada um representa funções distintas no processo de aprendizado das crianças.

Para Barbosa (2018) os cuidadores são o agente que introduz o sujeito na linguagem e desperta nele o gozo através das marcas inscritas no corpo da criança nos primórdios de sua vida e inaugura um caminho pela via do desejo, e os educadores inscrevem a criança no laço social e na cultura, fazendo a transição entre o mundo particular e o mundo público.

A relevância do tema se encontra na importância de destacar a função dos cuidadores sobre os cuidados, orientações, incentivos acerca da educação infantil, e como isso pode impactar, e despertar traumas futuramente, e essa responsabilidade é dos cuidadores, e os educadores assumem a responsabilidade em sala de aula e não podem ser sobrecarregados.

As instituições que acolhem crianças pequenas passaram a ser vistas como responsáveis pelas crianças no período em que as atendem. A participação ativa dos cuidadores na tarefa de educar e cuidar, não mais como guardadores na condição de suprir as necessidades básicas, mas como aqueles que continuam o processo de subjetivação iniciado pela família, transmitindo saberes. Portanto, os cuidadores precisam se responsabilizar pela a educação e cuidado, e desta forma, incentivando o processo de uma educação continuada, e resultando na transmissão de saberes, e isso reflete sobre a relevância da pesquisa (STEINMETZ, 2018).

Por fim, os motivos para desenvolver a pesquisa são em relação a como esse tema não é explorado, e a teoria freudiana desempenha um papel extremamente necessário para compreensão acerca da influência dos cuidadores, não só responsabilizando os educadores.

Diante do exposto, os objetivos gerais desta obra visam compreender a influência dos cuidadores na educação infantil, com base na teoria freudiana e desta forma, destacar os impactos na vida das crianças. Os objetivos específicos, por sua vez, se voltam para destacar a teoria Freudiana; elucidar a importância da educação infantil; e ressaltar as funções distintas entre os cuidadores e educadores.

METODOLOGIA

A presente pesquisa trata-se de uma revisão de literatura ao unir ideias de diferentes autores sobre um determinado tema. O levantamento bibliográfico configura-se como de natureza exploratória através de leituras sistêmicas de artigos científicos, para enfatizar com precisão a problemática, obras estas disponibilizadas na plataforma “Google acadêmico”. Incluíram-se à pesquisa obras entre os anos de 2010 a 2023, publicados em língua portuguesa e estrangeira com a devida tradução, devendo todos artigos possuírem embasamento teórico na temática destacada, contendo as palavras-chaves: Teoria Freudiana; Educação Infantil; Pais; Escola. Excluindo-se, portanto, os artigos que não estavam compatíveis com a temática, que não tenham tradução, ou que foram publicados anteriormente ao ano de 2010.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A fundamentação teórica desta pesquisa se deu a partir de bibliografias que versam sobre a psicanálise, os cuidadores e a educação infantil, e obras que articulam ambas em uma relação de influência. E desta forma iremos tratar acerca da educação, escola, o papel da figura do professor, e a aplicabilidade da teoria psicanalítica nesse contexto, trazendo ênfase para a influência do cuidador no processo educativo no período da infância.

CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE A ESCOLA MODERNA

De acordo com Libâneo (2011), em um período considerável da história da humanidade, a escola era retratada como uma instituição responsável por formar pessoas que integrariam a sociedade e que ocupariam cargos e funções de variadas espécies para que dessa forma, fosse mantida a heterogeneidade e a multiplicidade de funções que é peculiar a uma sociedade moderna. A formação recebida na escola incluía em seu caráter prático, o domínio de habilidades, o conhecimento técnico e teórico sobre determinada função e principalmente a formação de profissionais que integrariam - em uma fase pós-escola - o quadro de operários e servidores em empresas que se espalharam rapidamente pelos grandes centros urbanos que se formavam por todo o país.

Dentro desta cadeia descrita, o que se entende é que a educação tinha uma função específica, própria, onde não se avistava de forma alguma outra função para a organização educacional que não fosse a formação profissional, como pressuposto à uma vida ativa, laboral e inclusiva. Neste período, também era possível ver que a educação tinha um caráter de produção de mão de obra, pois, a sua maior prioridade era o ensino de habilidades e o repasse de conhecimentos técnicos que logo teriam uma aplicação prática na vida de quem os recebia.

Entendendo que é vital que a educação seja uma área onde decisões precisam ser meticulosamente pensadas e que estas decisões possuem influência direta na vida de todos os seus alunos, assimila-se que é vital a discussão proposta ao longo deste artigo.

De acordo com o entendimento de Bauman (2011), a liquidez do mundo capitalista que está diante dos olhos de todos, contribui de forma significativa para a individualização do ser. A solidão recorrente em grandes centros, começa a encontrar lugar em ambientes que antes não se pensava ser possível. Nesse passo, a escola, outrora lugar de interação e construção de vínculos de forma fluida e orgânica, passa a ser um reduto de fortalecimento de relações que são a base de solidificação para o trato interpessoal futuro.

A interação humana em todas as fases de desenvolvimento de um indivíduo, compreendendo que a educação é nesse caso, o ponto de apoio para a formação do que aqui se chama de “consciência de coletividade”, que nada mais é do que a compreensão quanto ao fato de que, da mesma forma que o “eu” é afetado pelas ações e falas do (s) outro (s), da mesma forma, tudo o que é por mim emitido ou executado também produz reações nas outras pessoas.

É essa consciência que precisa ser fomentada na criança, para que de posse desse entendimento, fique compreensível a ela que, as suas ações e a sua fala importam, mais que isso, são influenciadoras na formação do mundo em que ela vive.

Em tempo, é válido dizer que a abordagem dessa temática faz aflorar concomitantemente à percepção do “eu” em cada aluno, atendendo aos preceitos de uma educação libertadora e não mecânica, responsável por fazer com que a criança seja capaz de compreender a si própria como um sujeito ativo no meio no qual está

inserido, atuante, falante e corresponsável por a edificação de um ambiente saudável e promissor.

Sendo a escola uma extensão da sociedade, que precisa perpetuar dentro de suas dimensões os anseios e as características das pessoas, a escola a partir da década de 2000 abriu as portas e quebrou alguns paradigmas.

Esta decisão, fez com que o ensino se tornasse um desafio para a escola, já que, determinados conteúdos são colocados como uma disciplina cheia de barreiras e de desafios quase impossíveis de serem transpostos.

A escola é um ambiente onde se encontram diversas pessoas, com diferentes ideias e maneiras de pensar o processo educacional. É inegável que vivemos em uma época que se diferencia das demais, relação à rapidez que as mudanças acontecem em todas as áreas da compreensão humana. Essas mudanças ocorrem na ciência, na tecnologia, nas comunicações e com consequências imediatas, nas áreas econômicas, sociais e políticas.

Dentro desse trabalho, o papel do professor muda de comunicador de conhecimento para o de observador, organizador, consultor, mediador, interventor, controlador e incentivador da aprendizagem. O professor lança questões desafiadoras e ajuda os alunos a se apoiarem, uns nos outros, para atravessar as dificuldades. O professor faz a intermediação, leva os alunos a pensar, espera que eles pensem, dá tempo para isso, acompanha suas explorações e resolve, quando necessário, problemas secundários (BICUDO, 1999, p. 216).

Outrossim, é também preciso que a escola se renove e que abra as suas portas para a inserção de novos suportes didáticos, a fim de que com isso caminhe lado a lado com a evolução e que consiga fazer com que o professor se faça familiarizado com estas mutações e que consiga repassar ao seu aluno novas formas de aprender.

O que se entende é que a escola não pode mais ser vista como uma instituição que não influencia nos valores sociais e não pode também continuar a ser vista como uma organização onde os valores sociais que são por ela pregados não interferem na vida de seus alunos.

O projeto político pedagógico de uma escola tem como meta abarcar todas as necessidades existentes em um espaço escolar. Por esse motivo, é pertinente que se diga que a conexão entre PPP e BNCC consiste justamente na possibilidade de se

fazer com que a organização de uma metodologia que de fato atenda às necessidades dos alunos, aconteça de forma eficaz e bem articulada.

Com estas informações o que se apreende é que é imperativo que o professor se coloque como um mediador do conhecimento, porém para que isso aconteça é necessário um maior empenho e dedicação fazendo deste, sua forma de contribuição para o aprendizado. Neste ponto, é entendível que a reciclagem do professor é indispensável e este processo, tem que estar atrelado à sua forma de compreensão e à maneira como ele observa o aprendizado de seu aluno.

A TEORIA FREUDIANA E O MODO COMO ELA SE APLICA NA ESCOLA

Compreender as dimensões de algo subjetivo como o cuidado com crianças é uma tarefa que requer um olhar sistematizado e aberto a muitas percepções. Ao focar esse entendimento para um ambiente mais específico como o ambiente organizacional por exemplo, especificando mais ainda para o caso de empresas juniores, é possível se destacar nuances e variações quanto ao significado sobre o cuidado com crianças, compreendendo a partir daí que esse sentido não segue uma estrutura linear, semelhante nem tampouco precisa quanto ao contexto de carreira, estrutura de vida fora do ambiente de trabalho e ambições diversas.

A compreensão sobre o cuidado com crianças tem sido alvo de múltiplos estudos ao longo dos anos, de modo geral, pensadores clássicos e modernos, têm discutido a concepção dessa natureza, refletindo para isso sobre os variados segmentos que influem positivamente nessa busca. O entendimento sobre o cuidado com crianças e sua formação pode acontecer de muitas formas e sob várias linhas de compreensão, especificamente quando se volta um olhar crítico e reflexivo para o contexto organizacional. Assim, ao se buscar nessas fontes, informações que fundamentam um entendimento aclarado sobre o cuidado com crianças, se tem primeiramente em Gobbo (2022) um viés mais purista na compreensão desse sentido, sendo esboçado pelo autor, que, o cuidado com crianças é na verdade uma extensão da alma que deixa ser visualizado por todos, e a olho nu, a essência de um indivíduo.

Nesse sentido, para o referido autor, o cuidado com crianças é uma representação prática dos anseios de uma pessoa. Pensando dessa forma, Núñez-Rodriguez et al (2021) ensina que os desejos e ambições podem ser adaptados à

uma vivência na qual as limitações de um indivíduo somado à vontade exacerbada de fazer algo que possa ser incompatível com o ambiente em que ele vive, podem sob essa perspectiva, serem tomadas a fim de que se tenha um modo de ação mais semelhante ao idealizado no senso comum que impera no seu ambiente de trabalho.

Indo a outro teórico que aborda o tema e que segue uma linha parecida com a de Martela e Steger (2016) um apontamento de significado pouco mais prático onde o autor cita que: *‘a compreensão sobre o cuidado com crianças é algo que não se compreende com uma ou duas leituras, trata-se de um processo longo, demorado, observando de modo atento o ladrão que se salva e o sacerdote que se corrompe’*.

Com essa abordagem, Pan (2020) ressalta que o cuidado com crianças precisa ser visto por dois planos que são antagônicos em si. Ou seja, a mutação sofrida no contexto de significado pode ser referente a um declínio social e moral de um indivíduo, chegando a ser também um caminho percorrido para a virtude de alguém. Nesse sentido, o que se pode compreender é que, dentro de todos os parâmetros que se discute agora, é pertinente que se destaque o fato de que, sem importar qual o tipo de mudança experienciada por alguém são os fatores que levaram a uma mudança específica, que precisam ser analisados.

Assim, pode-se refletir sobre esses fatores que implicam em uma mudança para bom ou mau, melhor ou pior e assim por diante, procurando entender por que, a efetividade de um fator que influencia o desenvolvimento de um indivíduo e o motiva a se destacar, é ineficiente em outros indivíduos.

Seguidamente, e já saindo da compreensão mais filosófica sobre o cuidado com crianças, de tem em Niquice et al (2018) a percepção quanto ao cuidado com crianças, quando o autor enfatiza que, é justamente a singularidade de cada ser que proporciona a oportunidade de se avançar rumo ao futuro. Os autores seguem dizendo que, sem a unicidade de cada um, o que se teria era o absoluto nada e o ser humano com a sua incapacidade de modificar o meio que vive.

Dessa forma, cabe dizer que a busca por compreender o cuidado com crianças, é foco de múltiplos pensadores e de uma variedade de atores que, sem se preocupar com o que é instrumento de busca e de pesquisas ao longo de séculos, primeiramente, há que se levar em conta o fato de que, conforme o senso comum, a formação de um indivíduo perpassa por um processo de criação no qual os princípios e normas do conjunto social em que ele vive lhe são repassados, junto

com os conceitos do que é certo e errado, e o que é bom e mau. Com isso, é lhe dada a oportunidade de decidir sobre quais caminhos quer seguir.

Em seu livro *Sobre o cuidado com crianças*[1], Frankel (2022) enfatiza que o cuidado com crianças requer atenção e um olhar aguçado, tendo em vista a sua complexidade. O autor cita ainda que, do ponto de vista filosófico, o pensar que resulta da natureza de cada ser, externa suas sensações e desejos mais intrínsecos, fazendo aflorar o sentido deste. Logo, o cuidado com crianças não é algo obscuro ou difícil de ser entendido, uma vez que as suas forças se exprimem por meio de ações humanas que as tornam visíveis a todos.

Patias et al (2016) ao tratar sobre a condição humana enfatiza com base em um entendimento aristotélico, que o homem é produto do meio em que vive. Nesse sentido, o autor reitera que a construção de uma sociedade, surge em padrões de organização de seus cidadãos, logo, se terá nesse processo de formação, artesão, agricultores, ferreiros, governantes etc. Dentro desse pressuposto aristotélico, o que se concebe é que, a formação do cuidado com crianças para cada pessoa tende a ser um produto que pode ser criado conforme moldes pré-estabelecidos no seu local de vivência, que por sua vez, contribuem para a edificação de uma conduta moral.

Continuamente, Ramirez- Angel (2022) enfatiza ainda que, por ser de ordem não objetiva, a moral e a ética, externas à conduta humana, podem ser criadas conforme um ideário uniforme de justiça, para posteriormente ser implantado na vivência de um indivíduo. Isso porque, do ponto de vista aristotélico, a mente, que adere aos saberes do que é certo e errado, bom ou mal, não está ligada ao homem da mesma forma que o cérebro está. Nesse sentido, o pensar e o sentir, se difundem de funções motoras e se identificam como frutos da mente humana, essa tida quase que como uma entidade, na qual se afluam os preceitos e valores éticos produzidos no meio social que por sua vez, moldará a definição de sentido da vida de cada um.

Pan (2020) explica que é necessário pensar a ação humana como sendo fruto de um conglomerado de ações sabidas somente por quem as executa. Nesse sentido, esse conglomerado de ações que pode ser compreendido como sendo a natureza humana, resulta da carga interna de um indivíduo e da transformação sofrida por essa carga em seu interior. Para tanto, o mesmo autor ao citar Thomaz Morus, reflete sobre o fato de que, se considerada a máxima aristotélica quanto à formação de uma personalidade/conduta/natureza humana através do meio em que se vive, então há

que se validar a possibilidade de responsabilização de forças estatais e sociais, nos resultados que destoam dos moldes idealizados.

É pertinente aqui se veja a reflexão apresentada por Niquice et al (2018), para o fato de que, se é o cuidado com crianças mero fruto de ações externas, então o coeso ajuste do meio é suficiente para que se tenha uma sociedade de mentes pensantes, de intelectos evoluídos e de condutas lícitas e a prova de praticar atos que a corrompam. Porém, é sabido que se assim o fosse, bastaria o ajuste em quem rege o meio, para que a natureza humana fosse de fato pertinente ao que se idealiza e o cuidado com crianças fosse ressignificado por todos.

Nesse sentido, Gobbo (2022) destaca que a condição humana traz claros apontamentos quanto à sua singularidade. Ou seja, cada ser é um ser, e mesmo que o meio de convívio esteja em plena harmonia, ainda haverá um ou dois indivíduos que destoam dos demais, não por vontade própria, mas movidos pela força de suas próprias percepções, imbuídos de uma missão solo de autossatisfação, capaz de fazer com que sejam suprimidos os princípios e normas que o regiam.

Nesse ponto, é Núñez-Rodríguez et al (2021) quem define o cuidado com crianças como incerto, subjetivista e vaidoso a ponto de validar para si objetos e ações que para outro indivíduo são supérfluos. Em decorrência disso, é a sua condição de singularidade que permite a racionalidade e discussão de si própria. Permanecendo como uma incógnita da humanidade, o sentido que cada um dá à sua própria vida é o que tem possibilidade em toda a sua complexidade, o entendimento de própria e a percepção da unidade de cada ser.

Desse modo, se compreende que sim, o meio corrobora com a formação do indivíduo, e é justamente esse meio, que se baliza por múltiplos caminhos, que cria todos os indivíduos que se tem contato. Logo, é o mesmo meio que, recepcionado de forma única na mente humana, agrega valores, sugere prioridades, propõe o questionamento e valida o que precisa ou não ser suprimido, formando assim cada um que interage em sociedade.

Para tanto, Martela e Steger (2016) ensinam que no tocante à condição humana, é possível considerar a significância do que está sendo feito, na tentativa de compreender o que de fato tem sentido para determinado indivíduo. Nessa senda, o autor reitera que, a validação de termos, falas e ações é o gatilho para a adoção peremptória de um comportamento atípico, desse modo, de acordo com o

mesmo autor, dentro de um processo comunicativo, o que se pode é perceber que a intenção de se fazer entendido e o êxito nesse processo, é o que valida a relação entre duas pessoas.

Assim, não é a usabilidade de signos nem tampouco a forma de agir conforme a norma social estabelecida que consta no processo de vivência, mas sim, a capacidade que cada sujeito tem de se fazer compreendido e de ter seu modo de ação como motor de propulsão para o seu desejo.

Patias et al (2016) expõem que, a ação de um determinado sujeito, decorre de um processo muito explícito e bem articulado que traduz as necessidades de cada ser humano, que, para se fazer entendido, utiliza uma gama de signos e símbolos que integram o seu meio de comunicação, fazendo com que a sua mensagem seja pronunciada em acordo com suas ações e de forma entendível por seus interlocutores, ou pelo grupo no qual está inserido.

Gobbo (2022) continua a abordar o fato de que, em um processo de convívio coletivo, há que se considerar o significado e a significância que cada ação ganha conforme o seu emissor. Trata-se na verdade de uma abordagem muito explícita que considera a relevância de significado de cada comunicado para o autor envolvido. É o destoar de palavras e ações que denunciam a incoerência na intenção do autor e que denota uma possível má-fé por parte deste.

Assim, encontra-se em Ramirez-Angel (2022) entendimentos relativos à psicologia evolucionista que mostram que a compreensão quanto ao comportamento humano segue em plena evolução e se moldando à novas tendências e fatores que influem no seu meio de se relacionar com os demais. O autor também explica que a nuance consumerista que prioriza o ter em detrimento do ser, corrobora consideravelmente para a perpetuação de fatores mais influentes no comportamento de cada ser, fomentando aí o surgimento de patologias como a depressão, ou desencadeando comportamentos díspares aos valores e princípios apresentados ao indivíduo no decorrer do seu processo de formação.

Enfim, encontra-se em Patias et al (2016) o entendimento de que, a formação de uma conduta ética particularizada, ocorre em conformidade com as experiências vividas por cada sujeito. Desse modo, há que se contemplar o fato de que, a subjetividade do cuidado com crianças, está passível de ser corrompida, tendo por base os fatores aos quais ele está exposto.

A IMPORTÂNCIA DO CUIDADOR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A depender do tipo de educação que se quer ofertar para a criança, pode se ter diferentes resultados para tal tipo de ação, inicialmente, é possível que se tenha como resultado modelos interacionais abertos à aceitação da diferença que pode existir entre um e outro, ao passo que se pode também ter como ponto central de resultado, interações mais intrusivas, deixando a criança como um modelo comportamental mais retraído, permanecendo inapto ao convívio social e coletivo.

Dentro do âmbito da educação temos duas modalidades primordiais que visam o mesmo objetivo, o de promover conhecimentos e de fomentar comportamentos que direcionem os indivíduos a aptidão a estarem em sociedade, nos seus mais diversos âmbitos, os quais seriam a educação formal e informal, sendo cada uma transmitida a partir de seus agentes específicos.

O conhecimento formal é passado pelas escolas e instituições, sendo um conhecer amparado pela ciência. A função da escola reside no fato de que ela deve desenvolver nos alunos a capacidade de analisar, criticar e realizar reflexão cientificamente acerca dos fenômenos. Além disso, a educação formal escolar se estrutura a partir de três objetivos, sendo o primeiro a formação da pessoa humana, o segundo o de desenvolver o saber científico, atrelado ao terceiro que aponta para o progresso da técnica baseada nesse saber. (PODESTÁ; BERG, 2018).

Nesse contexto, o professor é visto como um instrumento importante de mediação entre o aluno e o conhecimento, sendo a aula caracterizada como o fenômeno que organiza o processo. É durante a aula que os discentes se desenvolvem, transformam-se, assimilam ideias e adquirem novas habilidades e certezas, atuando, desta forma, para a construção da personalidade (PODESTÁ; BERG, 2018).

Por outro lado, a educação informal tem como principais atores, o núcleo familiar e o meio social, sendo estes o que ensinam a respeito da moral, costumes humanos, cultura e religião. A educação informal é totalmente ligada e subordinada ao ambiente que se vive, podendo ser lida, assim, como uma herança cultural. (GOHN, 2011).

Bruno (2014) aponta que o ensino desta ordem pode se realizar em qualquer lugar que haja relações, não havendo a necessidade de haver uma delimitação ou

direcionamento para dentro de uma sala de aula, mas é dada no social onde a pessoa se insere, se vinculando a valores morais e éticos que estão dentro deste mesmo contexto.

Desse modo, se avalia em Gobbo (2022) que o processo com a criança no decorrer da educação infantil corresponde a esses dois níveis citados, sendo que a escola embora comprometendo-se com o ensino formal, se constitui como um ambiente, também, de educação informal. Marandino (2017) nesse sentido propõem conjecturar de que se vale a pena se pautar nessa divisão, tendo em vista que atualmente dentro das instituições escolares essas duas andam juntas em vários sentidos. O autor aponta que os processos educacionais deveriam ser olhados a partir de seus propósitos e de como é organizada, as relações entre os agentes, e a própria conjuntura da experiência que a fundamenta.

Desta forma, o enfoque deve se pautar nas interações precisas, bem alinhadas com as características de cada criança, compreendendo que, mesmo sendo decorrente de uma abordagem coletiva, é essencial que o cuidador compreenda que os impactos maiores serão gerados individualmente a partir das relações e experiências construídas, assim como, que essa individualidade deve ser priorizada, jamais uniformizada ou parametrada rigidamente.

Diante disso, ninguém melhor para compreender a dinâmica individual de cada criança se não seus pais ou aqueles que cuidam dela, no sentido psicanalítico estes seriam quem exercem as funções maternas e paternas. Essas funções são vitais e centrais do “desenvolvimento e estruturação do psiquismo da criança e na formação da personalidade do adulto” (BORGES, 2005, p. 14).

Borges (2005, p. 21) discorre que:

As funções materna e paterna são funções que implicam em atribuições concretas por parte dos adultos tutelares as quais têm concomitante funções simbólicas importantes na estruturação da personalidade dos indivíduos. As funções materna e paterna enquanto simbólicas estão implícitas em atitudes de conduta tanto de mães, pais, ou daqueles que acabam exercendo funções de cuidado e educação de crianças. No desempenho da função materna e da função paterna entram em jogo características pessoais do pai e da mãe, bem como determinadas condições emocionais de cada um que se referem às suas vivências na infância e sua capacidade de elaboração de vivências de frustração, separação e do complexo edípico. O exercício da função materna e da função paterna, requer uma série de atributos, aptidões e

tarefas, que vão se modificando de acordo com o desenvolver da criança.

A função materna, exercida não somente pela mãe, aponta para o cuidador da criança que lhe propicia alívio naquilo que ele demanda, auxiliando o bebê a entrar em contato com seu universo interno, é quem contém as angústias do vazio e do desamparo vivida por esse pequeno ser, e que lhe nomeia já que seu aparelho psíquico se encontra em produção e este não se supre ainda com mecanismo para elaborar e pensar. Em outras palavras, é a função materna que oferece à criança noção de existência e integralidade, e amparo (BORGES, 2005).

A função paterna, por sua vez, é a instituidora da lei da castração e pode ser exercida por qualquer pessoa que apresente leis e limitações à criança, introduzindo-lhe limites e pequenas regras de comportamento, as quais potencializam a presença da falta, do desejo, da demanda aos cuidadores, dos limites para se viver em sociedade e a própria condição de socialização (BORGES, 2005).

Dentro deste âmbito, a figura do professor em seu ofício e exercício perpassa ambas as funções, tanto acolhe as demandas e os pedidos feitos durante as aulas, quanto estabelece regras e leis, mediando os conflitos, a educação e a aprendizagem. E uma vez que essas funções, como já citado, exercem grande grau de determinação nas características e dinâmicas psíquicas e emocionais, devem ser figuradas da melhor forma possível, já que de qualquer forma a criança será afetada. Portanto, o professor tanto deve conseguir acolher com afetividade quanto impor limites (PODESTÁ; BERG, 2018).

Assim, podemos compreender que o processo educacional possibilita uma conexão do professor na formação da criança, assim como a organização social educacional e a forma de convivência com outros alunos. E para tal o professor precisa desenvolver recursos para que consiga enfrentar as dificuldades que encontrará nesse processo. Pedroza (2010) aponta que aquele que exerce a função de professor deve estar constantemente se questionando acerca de sua prática pedagógica e de como tem construído sua relação com seus discentes, porém, tais conjecturas não são ofertadas pelas formações convencionais.

No ponto das relações estabelecidas, pensando na importância da vinculação, entramos no conceito tão importante dentro do campo psicanalítico, a transferência. Freud (1912) coloca a transferência em um lugar primordial dentro de sua

abordagem, atribuindo a ela a possibilidade da cura, isto é, da mudança no quadro clínico. Esta é caracterizada como o motor do tratamento que ocorre através da fala (PEDROZA, 2010).

No âmbito escolar o professor se torna o objeto de transferência. A criança transfere para este o afeto que sente por seus pais, o tratando como tais. São experiências vividas em tempos remotos, mas que não são sentidas como referentes ao passado, e sim, como fatos atuais, próprios da relação que se estabelece. Freud (1914/1969, p. 249) pontua nesse contexto que os professores passam a ser

[...] nossos pais substitutos. Transferimos para eles o respeito e as expectativas ligadas ao pai onisciente de nossa infância e depois começamos a tratá-los como tratávamos nossos pais em casa. Confrontamo-los com a ambivalência que tínhamos adquirido em nossas próprias famílias, e ajudados por ela, lutamos como tínhamos o hábito de lutar com nossos pais em carne e osso.

O professor, semelhante ao analista, independentemente de sua escolha desperta afetações em seus alunos e por eles é afetado, uma vez que, esse fenômeno se desdobra em transferência e contratransferência, isso ocorre porque no seu sentido geral a transferência se estabelece quando sentidos e representações são transferidas. E nessa relação aluno/professor são reeditados impulsos e fantasias do passado (SANTOS, 2009).

Santiago (2008) aponta que nessa empreitada há chances que se produza um mal-estar que pode paralisar o processo de ensino, quando, por exemplo, o professor não consegue aceitar ou se colocar nesse lugar de substituto, o que gera no aluno uma aversão inconsciente a esse professor. E do mesmo modo que sentimentos bons podem passar pelo crivo da transferência, hostilidade, raiva e outras emoções negativas, podem encontrar um destino no professor, mesmo estando primariamente vinculadas aos pais ou outras figuras próximas da criança. Resultando em alunos que desrespeitam e excluem os professores.

Finalmente, se positiva, potencializa o prazer em aprender e leva o aluno a colocar o professor na posição daquele que tem algo a ensiná-lo, se alienando a ele. Sendo uma repetição do que ocorre entre o bebê e sua figura materna, onde essa relação só pode ser desenvolvida se o primeiro se aliena ao segundo. De outro modo, essa figura é esvaziada e preenchida conforme a fantasia do aluno (SANTOS, 2009).

Além disso, a transferência positiva gera no aluno sentimentos e sensações

de amor, aceitação e respeito pelo seu professor, colocando-o em uma posição de afetividade, podendo este exercer autoridade e impor regras pois será escutado, podendo ser a maior influência para a escolha da profissão no futuro, potencializando, da mesma forma, o desejo de entender a matéria lecionada. Assim, a transferência positiva traz benefícios importantes para o contexto escolar e facilita o processo de aquisição do conhecimento (RIBEIRO, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, ao analisarmos o fenômeno da influência dos cuidadores na educação infantil, pontuando também, acerca da importância do ambiente escolar e os moldes como a educação pode ser ensinada, concluímos que a criança é impactada diretamente a partir das formas de como os professores se colocam na posição de mediadores entre elas e o ensino, uma vez que o professor se configura como um objeto de transferência, podendo ser esta, negativa ou positiva. Se positiva os alunos terão maiores possibilidades de se engajarem no ensino, com menos chances para tal caso a transferência desenvolvida seja de cunho negativo.

Além disso, verificou-se que a obra freudiana muito tem a contribuir para esta discussão, uma vez que tem por objeto de estudo o inconsciente, e este exerce influência direta nas relações estabelecidas e nos moldes de como os afetos se desenvolvem, influenciando, desta forma, na aquisição de novos conhecimentos, pois assim como pontuado, o professor afeta inconscientemente seus alunos e por eles é afetado.

A partir do fenômeno da transferência podemos concluir que não há diferenças significativas entre os termos “cuidador” e “educador”. O que há são tipos de ensino - formal e informal, e modos que caracterizam como este que se coloca no papel de educador será visto pelo aluno, determinando diretamente na maneira como o mesmo responderá a este ensino.

Concluímos ainda que os indivíduos que exercem a função de professores precisam ter conhecimento de que outras funções lhes cabem enquanto profissionais da educação, como a materna e paterna, e somados ao fenômeno da transferência, tornam-se conceitos fundamentais para o desenvolvimento do processo ensino/aprendizagem e na relação professor/aluno. E uma vez que este

entende sobre essas temáticas, conseguirá se posicionar e aceitar esse lugar que lhe é endereçado, como aquele que porta diversas representações.

Percebemos o quanto o fenômeno do ensino e aprendizagem tem ganhado novas formas e roteiros, abarcando diversos agentes e espaços, indo para além dos muros das escolas, sendo influenciada pelos vínculos e aspectos inconscientes de transferência e identificação, incluindo, portanto, a experiência e afetações pessoais de cada aluno e figura materna e paterna, quanto a figura do professor, onde estas ao se fundem potencializa esse processo. Desta forma, outras pesquisas se fazem necessárias nesse campo, sobretudo, estudos que ofereçam conhecimentos aos profissionais acerca das implicações e modos de se fazer e estruturar a educação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Mário Rodrigues de. **Educação de qualidade**. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, n. 23, p. 115-126, nov. 2012.

AMARO, Sarita. **Lugar de aluno é na universidade: o papel de cada um**. Porto Alegre: Evangraf, 2006.

BAKHTIN, André Jean. **Cidadania e direito à educação**. Disponível em www.direitonet.com.br. 2000.

BORGES, Maria Luiza Soares Ferreira. **Função Materna e função paterna, suas vivências na atualidade**. Orientadora: Maria Inês Baccarin. Dissertação - Pós-graduação e Psicologia. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia. 2005.

BRUNO, Ana. Educação formal, não formal e informal: da trilogia aos cruzamentos, dos hibridismos a outros contributos. Medi@ções – **Revista Online da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal**. v. 2, n. 2, p.10-25, 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/aluno/Downloads/68-244-1-PB.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2023.

ESTRELA, M. T. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula**. 3. ed. Portugal: Porto, 2012.

FIGUEIRA, Paulo. **Educação para Todos**. 19. ed. São Paulo: Malheiros, 2011.

FRANKEL: V.E. **Sobre o cuidado com crianças**. Tradução de Gilmar Schneider. Petrópolis Rio de Janeiro. Editora vozes. 2022.

FREUD, S. (1969). **Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar**. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914).

FREUD, S. (1930). **O mal estar na cultura**. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.

FREUD, S. (1988). Análise fragmentária de uma histeria. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, VII. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1901/1905).

GOBBO, J.P. **Processo de Adaptação de uma Intervenção Psicológica Para Promoção de Sentido na Vida em Adultos Emergentes**. Pontifícia Universidade Católica de Campinas Centro de Ciências e Vida Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia. PUC-CAMPINAS 2022.

GAIARSA, Moacir. **Escola Cidadã**. 10. Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 184p.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo no terceiro setor**. 5ª edição, v. 26. São Paulo: Cortez, 2011.

GRACINDO, Regina Vinhaes. **Gestão democrática nos sistemas e na escola**. Brasília: Universidade de Brasília, 2012.

LIMA, Antônio B. de (org.) **Estado, políticas educacionais e gestão compartilhada**. São Paulo: Xamã, 2013.

MACHADO: Paulo Henrique. **Gestão e Educação: Fundamentos Educacionais**. editora Maceió. 2012.

MALISKA, Marcos Augusto. **O direito a educação e a Constituição**. PortoAlegre: Fabris, 2012.

MARANDINO, Marta. Faz sentido ainda propor a separação entre os termos educação formal, não-formal e informal? **Ciência e educação**, v. 23, n. 4. 2017.

MARCHUSCHI, Sebastião. **A Progressão Continuada nas Universidades Estaduais e a Exclusão Silenciosa**. 2002. São Paulo – Scortecci.

MARTELA, F; STEGER, F. M. **The three meanings of meaning in life: Distinguishing coherence, purpose, and significance**. Journal of Positive Psychology, 11(5), 531- 545. <https://doi.org/10.1080/17439760.2015.1137623> 2016.

MEDINA, A. S. **Pedagogo Escolar: parceiro político-pedagógico do professor**. In: RANGEL, M; SILVA JUNIOR, C. A. (Orgs.). **Nove olhares sobre a gestão**. 10. ed. Campinas: Papirus, 2014.

MUNIZ, Regina Maria Fonseca. **O direito a educação**. Rio de Janeiro:Renovar, 2014.
NÚÑEZ-RODRIGUEZ, S; DUTRA-THOMÉ, L; KOLLER, S. **What do you really want? Change in goals and life satisfaction during Emerging Adulthood in Brazil**.

Revista Latino-americana de Psicología, 53, 30-36.
<https://doi.org/10.14349/rlp.2021.v53.4> 2021

NIQUICE, F. L. A; FARIAS, B. G; Núñez, S. **Adultez emergente em situações de risco e vulnerabilidade social**. In L. Dutra-Thomé, L., A. S. Pereira, S. Nuñez, & S. S. H. Koller. (Eds.), *Adultez emergente: A proposta de uma nova perspectiva desenvolvimental sobre a transição para a vida adulta no Brasil* (Vol. 1, pp. 239-251). Vetor. 2018.

NORONHA, Pedro Gomes. **Educação à todos**. 6. ed. Portugal: Almedina, 2012.
OLIVEIRA, Fernando. **O valor de educar**. Tradução de Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

PEDROZA, Regina Lucia Sucupira. *Psicanálise e Educação: análise das práticas pedagógicas e formação do professor*. **Psicologia da Educação**. São Paulo, v. 30, p. 81-96. 2010.

PEREZ GOMEZ, Paulo. **Princípios Básicos da Educação**. 14^a ed. rev. e atual. – São Paulo: Malheiros, 2001.

PODESTÁ, Nathan Tejada de; BERG, Silvia Maria Pires Cabrera. *Educação formal, não formal e informal: em busca de novos modelos*. **XXVII Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música**. Manaus. 2018. Disponível em: <https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2018/5356/public/5356-18159-1-PB.pdf> Acesso em: 07 jun. 2023.

POLATO, Marcos. **Fundamentação dos Costumes e Outros Escritos**. Trad. Leopoldo Holzbach. São Paulo: Martin Claret, 2009.

PAN, H. **A glimpse of university students' family life amidst the COVID-19 virus**. *Journal of Loss and Trauma*, 25(6 -7), 594 -597.
<https://doi.org/10.1080/15325024.2020.1750194> 2020.

PATIAS, N. D., Machado, W. L., Bandeira, D. R., & Dell'agio, D. D. **Depression Anxiety and Stress Scale (DASS-21) – short form: adaptação e validação para adolescentes brasileiros**. *Psico-USF*, 21(3), 459-69.
<https://doi.org/10.1590/1413-82712016210302> 2016.

RAMÍREZ-ANGEL, L. M. **Caracterización de la generación del milenio en el contexto laboral: una revisión de la literatura**. *Revista Universidad & Empresa*, 24(42), 1-37. <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/empresa/a.8230> 2022.

SANTIAGO, A. L. *O mal-estar na educação e a Conversação como metodologia de pesquisa intervenção na área de psicanálise e educação*. In L. R. de Castro & V. L. Besset (Orgs.). **Pesquisa - Intervenção na infância e juventude**, pp. 113-131. Rio de Janeiro: Trarepa/FAPERJ. 2008.

SANTOS, J. M. S. **A transferência no processo pedagógico: quando fenômenos subjetivos interferem na relação de ensino-aprendizagem.** Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Educação Conhecimento e Inclusão Social, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2009.

RIBEIRO, Márden de Pádua. Contribuições da psicanálise para a educação: a transferência na relação professor/aluno. **Psicologia da Educação.** São Paulo, n. 39, p. 23-30, dez. 2014.

SEVERINO, Marcus Gonçalves, CORREIA, Érica Paula Barcha. **Compreensão básica dos Princípios Educacionais.** 5ª ed. São Paulo: Saraiva, 2012.

SILVA, Flavio de Sousa Nunes da. **Direito fundamental à educação como instrumento de transformação social.** 2006. xx f. Dissertação – Instituição Toledo de Ensino, Bauru, 2011.